

## A organização do trabalho intelectual: um reencontro com alguns clássicos

Palestra proferida por Tarcísio Zandonade, Mestre em Estudos de Biblioteconomia e Informação (Universidade de Londres). Professor Assistente do Departamento de Ciência da Informação e Documentação (CID) da Universidade de Brasília (UnB).

Na abertura do II Ciclo de Palestras do Departamento de Ciência da Informação e Documentação (CID), parece oportuno trazer à consideração dos alunos do Curso de Doutorado em Ciência da Informação um tema que, embora restrito hoje a uma disciplina optativa dos cursos de graduação, é certamente de interesse na formação intelectual de todo pesquisador: o problema da organização do trabalho intelectual, na visão de alguns clássicos sobre o assunto.

Esse tema encontra-se no próprio núcleo do saber biblioteconômico. Quando se trata a gênese da práxis profissional do bibliotecário, pode-se verificar que os instrumentos convencionais do controle bibliográfico se desenvolveram através de um processo exploratório, a partir das tentativas diuturnas de filósofos e cientistas na organização dos próprios documentos pessoais. O médico Galeno, por exemplo, ao compilar a primeira bibliografia de autor, intitulou-a, sintomaticamente, de "livro a respeito dos próprios livros" (*De libris propriis liber*). Gradativamente, a organização dos registros do conhecimento foi delegada pela sociedade à responsabilidade dos profissionais da biblioteca. Nesse momento, quando a biblioteconomia está de posse de novos conceitos e de avançadas tecnologias para o tratamento, a produção, a utilização e a memorização da informação, é justo que ela coloque esses conceitos e técnicas à disposição do trabalhador intelectual, para que ele se prevaleça desses ins-

---

\* Os textos das palestras fizeram parte da programação do 2º Ciclo de Palestras do Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, realizado de agosto a dezembro de 1995, sempre às sextas-feiras. Os trabalhos foram reproduzidos como enviados pelos autores, refletindo portanto o estilo próprio de cada um.

trumentos para a organização de seus registros particulares de conhecimento.

O “trabalho intelectual” como tema de uma disciplina acadêmica abrange um domínio mais amplo do que o “trabalho científico” propriamente dito. Ainda assim, o conceito mais geral, oferecido pelo Professor Antônio Joaquim Severino para o “trabalho científico” é coextensivo com o conceito de “trabalho intelectual” que vamos analisar: “o conjunto de processos de estudo, de pesquisa e de reflexão que caracterizam a vida intelectual do universitário” (SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 19. ed. São Paulo : Cortez, 1993).

Em maior ou menor intensidade, a estrutura e o funcionamento da vida intelectual sempre mereceu a atenção de filósofos, matemáticos, psicólogos, pedagogos e, mais recentemente, de químicos, físicos e biólogos, especialmente os neurobiólogos. Como disciplina introdutória à vida acadêmica, entretanto, ganhou uma literatura consistente, no final do século passado, a partir da obra do pedagogo alemão L. Fonck (FONCK, L. *Il metodo del lavoro scientifico*. Versione dal tedesco da Ubaldo Manucci. Roma : Pustet, 1909. Citado por SALOMON, Dêlcio Vieira. *Como fazer uma monografia*. 3. ed. São Paulo : Martins Fontes, 1994).

Os intelectuais brasileiros que, no início deste século, iam fazer seus estudos nas universidades européias, tiveram contato com os mestres da organização do trabalho intelectual na França. Dentre estes mestres, destacamos o nome do monge dominicano A. D. Sertillanges, cuja obra influenciou toda uma geração de pensadores católicos brasileiros (SERTILLANGES, A. D. *La vie intellectuelle: son esprit, ses conditions, ses methodes*. Paris : Éditions de la Revue de Jeunes, 1921. 256 p.). Significativamente, um exemplar das “Éditions du Cerf” desta obra, publicada em 1966, existente na Biblioteca Central da Universidade de Brasília, pertenceu a Carlos Lacerda!

Sertillanges inspirou-se, sobretudo, em seu mestre e confrade, Santo Tomás de Aquino, que, numa carta a certo Irmão João, enumera “dezesseis preceitos para adquirir o tesouro do conhecimento”. De autenticidade não inteiramente confirmada, esta carta foi publicada em latim e em inglês, com um comentário, numa palestra do Pe. Victor White (WHITE, Victor. *Saint Thomas Aquinas: De modo studendi*. Oxford : Blackfriars, December 1944) e pelo próprio Sertillanges (SERTILLANGES, A. D. *Les prières de Saint*

*Thomas d'Aquin*. Traduites et présentées par A. D. Sergillanges. Paris: Librairies de l'Art Catholique, 1920), como informa o autor no prefácio da tradução para o inglês de sua obra principal (SERTILLANGES, A. D. *The intellectual work: its spirit, conditons, methods*. Translated from the French by Mary Ryan. Cork : Mercier Press, 1965. 266 p.). Lamentavelmente, não tivemos acesso a nenhuma das duas edições.

Inspirou-se, ainda, Sertillanges em outro mestre dominicano, o Pe. Gratry, de quem foi aluno aos vinte anos de idade, e que "estimulou nele o ardente desejo do conhecimento". Pe. Gratry é autor de outra obra básica desta escola francesa, *Les sources* (GRATRY. *The wellsprings*. Translated by Stephen J. Brown, S.J. Burns, Oats & Washbourne, 1931), também citada na edição em inglês da obra de Sertillanges.

Sertillanges estabelece nitidamente os limites de sua obra, ao afirmar que não tratará da "produção intelectual" propriamente dita, remetendo o tema para outro livro. Entretanto, afirma ele, "é uma e a mesma mente que primeiro busca enriquecer-se e depois vai atrás da sábia aplicação [dos recursos acumulados]".

Também contemporânea da obra de Sertillanges é o trabalho do médico militar francês, P. Chavigny, professor da Universidade de Estrasburgo (CHAVIGNY, P. *Organisation du travail intellectuel: recettes pratiques à l'usage des étudiants de toutes les facultés et de tous les travailleurs*. Préface de Ch. Adam. 5ème. ed. Paris : Lebrairie Delagrave, 1920).

Chavigny parece haver preparado seu opúsculo, durante os anos da Primeira Guerra Mundial, período durante o qual, como médico militar e professor, freqüentou assiduamente a biblioteca da Universidade de Nancy, onde estava estacionado. Compôs o trabalho para o benefício dos muitos jovens franceses que, sobrevivendo a duras penas à longa guerra, achavam-se despreparados para o trabalho acadêmico.

A obra de Chavigny, logo traduzida e adaptada para o espanhol (CHAVIGNY, P. *Organización del trabajo intelectual*. Traducido del francés e anotado por Jenaro Artiles. 2. ed., reimpresión. Barcelona : Editorial Labor, 1951. [Biblioteca de Iniciación Cultural. Colección Labor. Sección II: Educación, N.º 305]) possui forte cunho biblioteconômico e revela que seu autor, ademais de assíduo usuário de bibliotecas, conhecia as melhores técnicas que a biblioteconomia e a documentação estavam desenvolvendo na Europa naqueles primeiros anos difíceis do século XX.

O manual de Chavigny busca, antes de tudo, suprir uma lacuna dos programas de ensino universitário, oferecendo um método de “trabalho cerebral”, “a técnica prática de toda a produção intelectual”. “Não há ninguém que, depois de se dedicar durante anos a trabalhos intelectuais, não se aperceba que, *por falta de um método de trabalho*, mesmo os esforços mais meritórios e heróicos venham a ter como desfecho um resultado insignificante”, observa o autor. Daí o seu interesse no estabelecimento de uma disciplina acadêmica formal, propondo para nomeá-la o termo “propedêutica geral” (προ = antes + παιδεω = ensinar): “a ciência dos métodos de trabalho intelectual, que deveria servir de introdução geral e obrigatória aos estudos de todos os que vão abordar as ciências superiores, ou mesmo todo o trabalho pessoal”.

Merece destaque uma observação que Ch. Adams, reitor da Universidade de Nancy, faz no prefácio desta obra. Trata-se de um dado revelador da boa prática biblioteconômica, para o qual já andavam atentos os intelectuais da época: “Os americanos, pessoas de ordem e que conhecem o preço do tempo, não querem perdê-lo, procurando o que é muito difícil de encontrar. Um destes americanos, professor, percorrendo certa vez as estantes de uma biblioteca, abria cada livro nas últimas páginas e constatava: “Não possui índice, pode ser jogado fora!” E recolocava o livro na estante sem examiná-lo”. Um trabalho, por certo, atual, ainda hoje, em face da obstinação dos editores brasileiros em publicar livros técnicos e científicos sem qualquer índice! Um exemplar da quinta edição, de 1920 (a primeira edição é de 1918), da obra de Chavigny, existente na Biblioteca Central da Universidade de Brasília, pertenceu a Homero Pires, que o registrou em seu acervo particular na Bahia, em 3 de janeiro de 1923!

Outro educador francês, cuja obra é contemporânea das de Sertillanges e Chavigny, é Albert Cim (CIM, Albert. *Le travail intellectuel*. Paris : Librairie Félix Alcan, 1924). Autor prolífico, Cim elaborou “Le travail intellectuel” como um tratado com minuciosos detalhes bibliográficos e excelente documentação, no qual não faltam conselhos sobre a melhor iluminação física para o trabalho intelectual e a administração das faculdades visuais.

Na universidade, hoje, a organização do trabalho intelectual é objeto de estudo de várias disciplinas acadêmicas, que reúnem, em sua maioria, um complexo de preceitos extraídos da psicologia, da epistemologia, da gnosiologia, da pedagogia, da estatística e de outras disciplinas filosóficas e

científicas. Esta complexidade é revelada pela nomenclatura das disciplinas às quais se atribui o estudo da organização do trabalho intelectual, como, por exemplo, Metodologia da Pesquisa, Métodos de Pesquisa Bibliográfica, e outras. Revelam essa confusão também os autores que, tratando da organização do trabalho intelectual, preferem dedicar o título de seus trabalhos ao tema mais atraente da pesquisa científica. Deve-se ter em mente, entretanto, que a educação para o trabalho intelectual precede a iniciação ao trabalho científico propriamente dito.

Para o curso de Organização do Trabalho Intelectual, oferecido no Departamento de Ciência da Informação e Documentação (CÍD) durante o período de verão de janeiro e fevereiro de 1995, optou-se por uma bibliografia mínima de uma dezena de autores, dos quais apenas dois livros-texto em língua estrangeira (um em francês e um em inglês). Destes dois últimos textos falaremos abaixo. Durante este curso, antes da análise das regras, normas e princípios da boa administração da vida intelectual, procedeu-se a uma avaliação dos hábitos de estudo dos alunos. Contou-se, para tanto, com a competente colaboração do professor e psicólogo Geraldo Servo, que, em outros tempos, estimulou o nosso interesse para o estudo das técnicas de organização do trabalho intelectual, através dos seus cursos de extensão na Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras, de São João del Rei, Minas Gerais. O Professor Servo, depois de apresentar sua experiência como pedagogo e psicólogo, na busca da melhoria da qualidade intelectual, aplicou nos alunos, com o intuito de motivá-los, o teste PHD (Programação de Hábitos e Desempenho no estudo), de Carlos Del Nero, o que lhes permitiu uma análise, antes do início do curso, de seus hábitos de vida intelectual.

Da bibliografia mínima do curso de Organização do Trabalho Intelectual, destacamos particularmente o trabalho do Tony Buzan (BUZAN, Tony. *Use your head*. London : BBC Books, 1995). O manual, lançado originalmente em 1974 pela BBC, juntamente com dez programas de TV, preparados por Nancy Thomas, acaba de ser publicado em nova reimpressão. O sugestivo título do manual: "Use a cabeça", é explicitado através dos seis objetivos: ler com eficiência, aprender mais, pensar com criatividade, estudar com eficácia, lembrar mais e resolver problemas.

Tony Buzan, que tem desenvolvido uma série de serviços adicionais para complementar o sucesso de 21 anos de seu livro, fundamenta sua obra na

capacidade da mente humana, cujas potencialidades têm sido reveladas pelos estudos científicos multidisciplinares das últimas décadas. Convencido de que os testes de inteligência medem o desempenho de mentes humanas mal treinadas e mal desenvolvidas, e não a habilidade humana propriamente dita, o autor realça o papel da auto-estima no processo intelectual ("Sua mente é melhor do que você imagina!"). Talvez seja importante destacar, neste ponto, o papel do desenvolvimento da auto-estima no processo educativo. John Rawls, em sua obra *A theory of justice*, considerado nos meios acadêmicos norte-americanos como o mais importante livro produzido por um cientista político nos Estados Unidos neste século, classifica a auto-estima como um dos elementos fundamentais na solução da justiça social. A auto-estima, para Rawls, é "o sentido que uma pessoa possui do seu próprio valor, a sua firme convicção de que vale a pena levar à frente seu conceito de bem, o seu plano de vida"; "a confiança na própria habilidade, na medida em que está dentro do poder de cada um, de que se vai conseguir o que se planeja. Se esperamos pelo fracasso, não pode haver prazer no que se tenta".

Tony Buzan oferece um método pragmático para o aperfeiçoamento, sem misticismo, das técnicas de leitura, de memorização e de anotação, propondo, para esta última, a utilização exclusiva de palavras-chave para a elaboração de "mapas mentais" como auxiliares da memória. Com o auxílio destes "mapas mentais", compõe uma técnica de estudo orgânico para substituir os métodos convencionais de estudo.

Destaca-se, também, na bibliografia mínima, o trabalho de Hélène Desvals (DESVALS, Hélène. *Comment organiser sa documentation scientifique*. Paris : Gauthier-Villars, 1975). Este trabalho é utilizado no curso para mostrar o elo entre a documentação pessoal e a documentação como profissão social. As técnicas da biblioteconomia desenvolveram-se lentamente a partir das técnicas pessoais da organização do trabalho intelectual. Com a mudança de ênfase do livro para o periódico, bem como das humanidades para as ciências naturais - a partir do século XVII - o cientista sentiu a necessidade de delegar a organização da literatura de sua área ao bibliotecário-documentalista, cedendo-lhe, juntamente com a delegação do papel social da profissão, também as técnicas que assimilara ao longo dos séculos.

Foi desta forma que a biblioteconomia passou a adotar, por exemplo, durante a Revolução Francesa, conforme recomendação do código de catalogação francês de 1791, cartas de baralho para a catalogação dos livros confiscados das ordens religiosas, prática da qual resultou o catálogo em fichas. Este expediente - o uso de cartas de baralho para a elaboração de substitutos de documentos - era, por certo, uma prática corrente entre os intelectuais franceses da época. No presente momento, a biblioteconomia domina as técnicas mais avançadas - da informática, das teleconomicações e da reprografia - para o controle bibliográfico dos registros do conhecimento. Nada mais justo, portanto, que, em sentido inverso, a biblioteconomia coloque, agora, estas técnicas à disposição do trabalhador intelectual, para que ele não seja compelido a utilizar, para o registro dos seus conhecimentos, "fichas" que, provavelmente, jamais voltará a manusear em sua vida profissional.